

Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos

Scientificity, generalization and dissemination of qualitative studies

Maria Cecília de Souza Minayo²

O trabalho de Stella e Wilza levanta três pontos principais que aqui comentarei como dublê de pesquisadora qualitativa e editora de uma revista: a cientificidade, a possibilidade de generalização e a divulgação em periódicos científicos.

A cientificidade da pesquisa qualitativa se comprova, teoricamente, pelos fundamentos de sua abordagem. Tomando como referência o desenvolvimento da ciência moderna, essa discussão atravessa duzentos anos e tem como berço o pensamento hermenêutico, fenomenológico, histórico e dialético alemão. Tem como referência a obra de Hegel, *Fenomenologia do Espírito*¹ escrita em 1807, seguida pelo desenvolvimento da *fenomenologia* por Husserl² e Heidegger³, pelos escritos sobre a *hermenêutica* por Gadamer⁴ (hermenêutica filosófica), Adorno e Horkheimer⁵ (hermenêutica objetiva) e Habermas⁶ (hermenêutica e dialética) e o historicismo compreensivo de Dilthey⁷. É também alemão o mais seminal dos pensadores da sociologia compreensiva, Max Weber⁸. Os fundamentos dessa abordagem também se cruzam com os escritos de vários teóricos e sociólogos franceses, influenciados pelos pensadores germânicos, como demonstrado nos trabalhos de Paul Ricoeur⁹, Merleau Ponty¹⁰, Sartre¹¹, Bourdieu¹², Maffesoli¹³, dentre outros. Mas sua expressão na prática da pesquisa empírica se deve à chamada Escola de Chicago, onde nomes importantes como William Thomas & Florian Znaniecki¹⁴, Harold Garfinkel¹⁵, George Hebert Mead¹⁶ e Robert Park¹⁷ e outros inauguraram abordagens sociologicamente importantes como interacionismo simbólico, etnobiografia, etnometodologia, e outras. Foi nessa Escola, também, pelas mãos de seu primeiro diretor, Albion Small, que nasceu a primeira revista de sociologia do mundo, em 1895, o “American Journal of Sociology” cujos primeiros escritos eram especialmente baseados nas pesquisas qualitativas de campo.

Concordando com as autoras, dentro do marco filosófico das teorias compreensivas, todos os pesquisadores qualitativos inaugurais e atuais trabalham com vários tipos de abordagem, orientados para análise de casos concretos em sua temporalidade e localização e que se manifestam por meio de expressões e significados que as pessoas dão a

suas experiências e vivências. Todos têm como parâmetro o reconhecimento da *subjetividade*, do *simbólico* e da *intersubjetividade nas relações*, e trazem para o interior das análises, o indissociável embricamento entre sujeito e objeto, entre atores sociais e investigadores, entre fatos e significados, entre estruturas e representações.

Quanto à questão da generalização, ainda que o foco dos estudos qualitativos seja o universo microsocial e o aprofundamento dos fenômenos humanos, eles trazem uma contribuição de caráter universal para a ciência. Segundo Hegel¹, que desmontou a visão filosófica de cisão entre os fenômenos do mundo da vida e a ciência, quem fala de experiência fala de sujeito e quem fala de sujeito fala de objeto, pois a fundamentação de todo saber é resultado de uma gênese ou de uma história que se inicia no plano fenomenológico e ocorre em oposições sucessivas e dialeticamente articuladas entre as certezas do sujeito e a verdade do objeto. Pela exiguidade do espaço para discutir tais questões, recorro a Adorno e Horkheimer⁵, segundo os quais, operacionalmente, dentro do texto (e não fora dele) estão presentes: o sentido profundo da realidade, os consensos, as contradições sociais e da história e os caminhos de transformação: “Quem não compara as coisas humanas com o que elas querem significar, vê-as não só de forma superficial, mas definitivamente falsa” dizem eles, referindo-se às análises sem profundidade ou “duplicações” do que foi colhido empiricamente. Portanto, quero ficar com os grandes mestres, segundo os quais a generalização é possível, não como significância estatística, mas como compreensão de processos semelhantes que ocorrem com os seres humanos frente aos mesmos desafios. Obviamente, não estou aqui falando de técnica e sim do sentido ético e filosófico das abordagens qualitativas.

Por fim, trato a questão da divulgação de estudos qualitativos em revistas científicas, reconhecidas, como mostram Stella e Wilza, muito aquém do que é produzido pelos pesquisadores. Nesse ponto, a experiência que tenho mostra que há dois obstáculos principais. De um lado, a persistência da mentalidade positivista dos editores das revistas do campo da saúde, mormente, os da área médica e de epidemiologia. Neste particular, creio que somente de dentro se pode mudar alguma coisa, com trabalhos (quase militantes) de

² Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (Claves), ENSP, Fundação Oswaldo Cruz. maminayo@terra.com.br

autores médicos como os de Egberto R. Turato¹⁸ e de Stella Taquette et al.¹⁹ no Brasil, ou apostando na introdução de tal abordagem na formação dos estudantes. Existe também uma esperança de que os novos cursos de medicina voltados para atenção básica, pela necessidade irremediável de contato com a realidade social da população a que os médicos servirão, possam ensejar pesquisas e práticas de cunho compreensivo. De outro lado, infelizmente, grande quantidade de artigos qualitativos chegam às Revistas (mesmo às mais abertas) sem qualidade suficiente para passar no crivo editorial. Nesse sentido, aproveito para citar os problemas mais comuns que, como editores, Romeu Gomes, Debora Diniz e eu pontuamos em editorial recente²⁰: (1) títulos que falam de coisas gerais e não do objeto do estudo; (2) resumos que não trazem informações indispensáveis sobre o objeto, o método, a discussão e a análise dos resultados e as conclusões; (3) palavras-chave que não obedecem aos descritores consagrados; (4) introdução que não contextualiza o tema na literatura nacional e internacional; (5) descrição apenas formal do método sem realçar como o objeto foi abordado, sem mencionar o espaço, o universo de atores e os instrumentos operacionais, sem dizer como se realizou o trabalho em campo e como se procedeu à análise; (6) apresentação dos resultados com um discurso que não sai da repetição dos dados empíricos, a não ser por sua categorização formal; (7) discussão que reafirma apenas o encontrado no campo sem mostrar suas interconexões com questões relevantes dentro do próprio tema e do contexto que o cerca nacional e internacionalmente; (8) e conclusões que costumam apresentar dois problemas: ou continuam a discussão inclusive citando bibliografia ou saem completamente do assunto, trazendo propostas que não derivam do tema em estudo.

Enfim, com essas considerações, espero contribuir para o tão importante objetivo de debater a cientificidade das pesquisas qualitativas em saúde e na área de medicina no Brasil.

Referências

1. Hegel GWF. *Fenomenologia del espíritu*. México: Fondo de Cultura Económica; 1987.
2. Husserl E. *General Introduction to a Pure Phenomenology*. The Hague: Nijhoff; 1982.
3. Heidegger M. *O ser e o tempo*. São Paulo: Editora Abril; 1980. (Coleção os Pensadores)
4. Gadamer H. *Verdade e método*. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes; 1999.
5. Adorno T, Horkheimer M. *Sociológica*. Madrid: Taurus; 1981.
6. Habermas J. *Hermenêutica e Dialética*. Porto Alegre: LP&M; 1987.
7. Dilthey W. *Understanding the Human World. Selected Papers*. New Jersey: Princeton University Press; 2010.
8. Weber M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores; 1979.
9. Ricoeur P. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70; 1996.
10. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora Martins Fontes; 1999.
11. Sartre JP. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes; 2005.
12. Bourdieu P. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: La Haye, Mouton; 1963.
13. Maffesoli M. *La Connaissance ordinaire. Précis de sociologie compréhensive*. Paris: Klincksieck; 1988.
14. Thomas W, Znaniecki F. *The Polish Peasant in Europe and America*. Boston: The Gorham Press; 1938.
15. Garfinkel H. *Studies in Ethnomethodology*. New Jersey: Prentice-Hall; 1967.
16. Mead GH. *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press; 1934.
17. Park R. *The City: suggestions for the study of human nature in the urban environment*. Chicago: University of Chicago Press; 1925.
18. Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças, e seus objetos de pesquisa. *Rev Saude Publica* 2005; 39(3):507-514.
19. Taquette SR, Minayo MCS, Rodrigues AO. Percepção de pesquisadores médicos sobre metodologias qualitativas. *Cad Saude Publica* 2015; 31(4):1-11.
20. Minayo MCS, Diniz D, Gomes R. O artigo qualitativo em foco. *Cien Saude Colet* 2016; 21(8):2326.